



## **Interações e novas práticas sociais: estudo multietnográfico nos espaços públicos de acesso pago à Internet em Novo Hamburgo**

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

**Luís Marcelo Miranda \***

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

### **Resumo**

Este artigo aborda as interações e novas práticas sociais nos espaços públicos de acesso pago à Internet na zona central de Novo Hamburgo. Para isso, nasce a multietnografia, método que agrega a etnografia, fotoetnografia e netnografia simultaneamente. No campo, cafés (com wi-fi), cybercafés e lan houses, são observadas, relatadas e debatidas algumas das particularidades desses ambientes, que podem ser vistos como agregações ao ciberespaço. São mostrados exemplos concretos a partir de fotografias nos locais e anotações urbanas, descrevendo a realidade *online* e *offline* de espaços que servem de elo entre o físico e o virtual.

### **Abstract**

This article discusses the interaction and new social habits in public spaces with paid access to the Internet downtown in Novo Hamburgo. For this, raises the multiethnography, a method that combines ethnography, photoethnography, and netnography simultaneously. In the countryside, cafes (with wi-fi), cybercafés, and lan houses are observed, reported and discussed some of the characteristics of those places, which can be viewed as aggregations to cyberspace. Concrete examples are shown from photographs on the places, and urban notes describing the reality of online and offline spaces that serve as the link between physical and virtual.

**Palavras-chave:** interações; práticas sociais; multietnografia; espaços de acesso pago à Internet

**Keywords:** interaction; social practices; multiethnography; places with paid access to the Internet

---

1. Jornalista multimídia. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos; especialista do Programa de Pós-Graduação em História, Comunicação e Memória do Brasil Contemporâneo da Universidade Feevale (2007). Premiado pela Associação Riograndense de Imprensa (ARI) 2006. E-mail: lmirandabr@gmail.com

### **Introdução**



As relações sociais passam por uma grande mutação cultural e civilizacional. Na atual fase da sociedade da informação, o espaço urbano vivencia transformações importantes. Basta olharmos à nossa volta para constatarmos que as cidades contemporâneas já estão sob o signo do digital. Em Novo Hamburgo não é diferente. A Capital Nacional do Calçado, pioneira em muitos setores, também está se destacando nessa área. Em sua zona central, os cafés (com *wi-fi*), cibercafés e *lan houses*, espaços públicos de acesso pago à Internet e também de sociabilidade e socialidade contemporâneas, servem de campo para essa pesquisa. O objeto são as novas práticas sociais associadas à Internet. A intenção é observar, relatar e debater algumas das particularidades das interações nesses ambientes, que podem ser vistos como agregações ao ciberespaço.

A transformação do urbano pelos artefatos e processos sócio-técnicos já não é novidade, mas a importância está em descobrir particularidades dessas mudanças, explica Lemos (2007). A prática social se apropriou da Internet em toda a sua diversidade, como enfatiza Castells (2003, p. 99). No entanto, acrescenta o autor, essa apropriação tem efeitos específicos sobre a própria prática social. É o que será buscado nas observações das interações *online* e *offline*. O físico e o virtual se influenciam um ao outro e nos levam a uma nova noção de espaço, garante Cardoso (1998, p. 116). Essas são as bases, segundo ele, para a emergência de novas formas de socialização, novos estilos de vida e novas formas de organização social. Acrescenta Lemos (2003, p.19) que novas formas de relacionamento social surgem com novas ferramentas de comunicação e cita as *lan houses* e cibercafés como exemplos.

A metodologia construída especificamente para ser aplicada nos espaços públicos de acesso pago à Internet é a multietnografia. Esse é o método de pesquisa que agrega a etnografia, a fotoetnografia e a netnografia, ou etnografia virtual, quase simultaneamente. É apropriado, preferencialmente, para pesquisas *online* e *offline*. Uma observação dentro e fora da rede mundial de computadores da mesma pessoa ou grupo, conforme trata a metodologia, que será explicada mais adiante.





Figura 1

Figura 2

Figura 3

As fotos apresentam cenários de espaços públicos de acesso pago à Internet em Novo Hamburgo. Ambientes onde podem ser notadas diferentes interações e novas práticas sociais *online* e *offline*. Essa apresentação se faz necessária para que seja possível, já a partir dessa introdução, uma primeira leitura, mesmo que simbólica, do que o artigo pretende mostrar como resultado: a busca de particularidades desse comportamento social associado à Internet. A parte ilustrativa da pesquisa é determinante no contexto do método, como será explicitado no decorrer do texto

### **Nasce a construção da multi-etnografia**

Aproximando prática e teoria era preciso, então, compor o método, dando-lhe maior complexidade e tornando-o mais adequado ao próprio objeto de estudo. A escolha inicial, após a busca de alguns fundamentos teóricos e exemplos no mundo da comunicação, foi a etnografia. No entanto, ao chegar ao campo começaram a ser feitos registros fotográficos. Esses passaram a ter importância para explicar o que pretendia ser mostrado. Houve necessidade de buscar suporte teórico na fotoetnografia. A história mostra muitas conexões entre a fotografia e a etnografia. Mas era também preciso investigar as pessoas em interações mediadas por computador, nos cafés, cibercafés e *lan houses*, observar o ciberespaço, mas do lado de fora da rede. Para que o círculo investigativo se fechasse, algumas observações passaram também a ser feitas *online*, sem a presença dos atores sociais, já entrevistados ou observados no campo. O conteúdo da netnografia ou etnografia virtual foi necessário para amparar teoricamente a prática realizada. Ao desenvolver uma forma metodológica juntando os três métodos, de forma sistematizada, nasceu, então, o que ficou decidido chamar de multi-etnografia.

Antes de prosseguir, torna-se necessário abordar, mesmo que brevemente, autores que tratam dos três métodos. Mas o que seria exatamente etnografia? *Etno* significa, em grego, povo, raça ou grupo cultural. *Grafia* significa escrita. A etnografia é uma subdisciplina da antropologia descritiva que dedica-se a compreender crenças, valores, desejos e comportamentos dos sujeitos por meio de uma experiência vivida. Ela apresenta a interpretação problemática do autor acerca de algum aspecto da realidade da ação humana, afirma Travancas (2008). A fotoetnografia é um termo cunhado por Achutti (1997) e propõe uma narrativa fotográfica autônoma do texto escrito. Segundo



ele, é um exercício utilizando a fotografia, no sentido de uma narrativa etnográfica, o qual chamou de fotoetnografia. A intenção é dar mais profundidade aos resultados.

A observação do objeto acontece em um espaço que serve de elo entre o físico e o virtual. A abordagem foi *online* e *offline*. Dessa forma também foi utilizada a netnografia. Era preciso analisar por onde andavam os pesquisados no ciberespaço. A netnografia é a abertura das portas do método etnográfico para o estudo de comunidades virtuais. Os ambientes interacionais da Comunicação Mediada por Computador são caracterizados pela ausência física. Isso possibilita um tornar-se “invisível” e pesquisar a cultura de um grupo sem participar. Sá (2002) trata sobre netnografias nas redes digitais e diz que a comunicação em rede estrutura a vida social contemporânea. Ela vai mais longe quando afirma que as chamadas comunidades virtuais são espaços para o convívio com a diversidade e complexidade do comportamento social contemporâneo, ao mesmo tempo em que servem de abrigo para o indivíduo que se refugia entre iguais.

Para que se tome por base metodológica a multietnografia é preciso seguir alguns critérios. Há a necessidade de que, pelo menos uma vez no decorrer da pesquisa, mostre-se a narrativa fotográfica de que fala Achutti (1997) sobre a fotoetnografia e a pesquisa *online* específica, “invisível”, de que trata a etnografia virtual. A base determinante permanece a etnografia, até porque os outros dois métodos são derivações dela. Para dar mais peso ao princípio de intersecção dos três métodos é preciso a utilização de maior número de fotografias. Essas podem ilustrar todo o texto dissertativo, desde a introdução. Deve, inclusive, ser registrada a participação do pesquisador no campo. Mas as fotos não podem ser jogadas aleatoriamente. As justificativas para as ilustrações são sempre necessárias. No entanto, a supremacia do texto dissertativo é indiscutível. São importantes agregações, não substituições. É exatamente a soma dessas uniões que vai delineando, construindo o novo método.

A participação do etnógrafo naquilo que investiga produz conhecimento, faz avançar a investigação. Faz surgir um problema fértil, que é o da relação que o observador-participante estabelece com as pessoas que encontra no campo, diz Caiafa (2007), como mostram as fotos que seguem.





Figura 4

Figura 5

Figura 6

O dia-a-dia no campo foi marcante para a construção dessa pesquisa, vivenciando dificuldades e apreciando novidades, como comprovam as fotografias. Conforme Caiafa (2007), o estranhamento não é dado, é algo que se atinge, é um processo de trabalho de campo. É preciso estar disponível para a exposição à novidade, quer se a encontre muito longe ou na vizinhança. A pesquisa pode ser bem-sucedida, tanto na situação de distância cultural ou geográfica, como no caso do pesquisador *insider*, segundo Caiafa (2007). Mas é preciso não estipular regras, alerta a autora.

Como estipular uma distância ou uma proximidade? Conforme Caiafa, não há uma resposta definitiva. Mas é preciso agenciamento, que para ela é um tipo de arranjo ou conexão. Essa foi construída com as fontes que sempre estavam presentes nos espaços pesquisados, como os funcionários e gerentes. Mas também foram entrevistadas e observadas as pessoas que estavam *online*. Caiafa (2007), quando fala da relação do observador-participante com as pessoas que encontra no campo, afirma que vem sendo uma marca da pesquisa etnográfica a partilha de experiências com os “informantes”. É preciso a inclusão do investigador na situação que apura, porque envolve observação intensiva e, em algum grau, uma convivência, diz Caiafa. O que relata a autora foi realizado, como comprovam as, já mencionadas e mostradas, fotos do pesquisador em campo.

### **Problematizando o cotidiano, interações e Internet**

Castells (2003) garante que a Internet é o tecido de nossas vidas e passou a ser a base tecnológica para a forma organizacional da Era da Informação: a rede. Já Recuero (2009) afirma que a Internet trouxe diversas mudanças para a sociedade e que, entre as mais significativas, está a possibilidade de expressão e sociabilização por meio de ferramentas de conexão mediada pelo computador. Lemos (2003) antecipa que estamos vivenciando novas relações sociais eletrônicas e as práticas comunicacionais pessoais.

A diversidade serviu de estímulo para esse estudo. Os espaços da pesquisa são pontos de sociabilidades contemporâneas. Mas também de socialidades, situações efêmeras, conforme Maffesoli (1998). O autor recorre ao termo “tribalismo” para designar os diversos grupamentos que compõem a sociedade contemporânea. Estas tribos de que nos fala o autor encontramos na relação face a face e na mediada pelo



computador nos cafés, cibercafés e lan houses de Novo Hamburgo. Ele faz um contraponto entre sociabilidade e socialidade ao caracterizar as experiências sociais da contemporaneidade. Segundo ele, enquanto a primeira caracterizaria as relações sociais típicas da modernidade, a segunda “remete à multiplicidade de situações, de experiências, de ações lógicas e não-lógicas” (MAFFESOLI, 1998, p. 10).

As fotos que seguem sustentam o embasamento teórico dos autores. São comportamentos sociais que foram modificados ou que surgiram diante da associação com a Internet. O local que antes era apenas para o lanche, bebida, bate-papo face a face, agora já serve de elo entre o espaço físico e o virtual.



Figura 7



Figura 8



Figura 9

No campo que mostram as fotos são observadas interações. Antes de relatar essas particularidades é necessário embasamento teórico. São três os tipos de situação interativa criados pelo uso dos meios de comunicação, conforme Thompson (1998): interação face a face, interação mediada e interação quase mediada. Na face a face os participantes partilham do mesmo espaço e mesmo sistema referencial de tempo. Existe diálogo e há ida e volta no fluxo de informação e comunicação. Os participantes para transmitir as mensagens empregam uma multiplicidade de deixas simbólicas, como piscadelas, gestos, sorrisos, entonação da voz, franzimento de sobrancelhas. Este tipo de interação é observado nas *lan houses* e cibercafés, onde há diálogos e trocas de deixas simbólicas. Nas interações mediadas a transmissão de conteúdo e informação acontece entre interagentes situados remotamente no tempo e no espaço. Implica também o uso de um meio técnico, como fios elétricos, ondas eletromagnéticas. Há características que diferenciam os dois tipos. A face a face se dá em um contexto de co-presença; na mediada, os participantes não compartilham o mesmo referencial de espaço e de tempo.

O terceiro tipo de interação, a que o autor chama de quase mediada, refere-se às relações sociais estabelecidas pelos meios de comunicação de massa (jornais, rádios, televisão, livros, etc.). Ela se dissemina no espaço e no tempo e envolve certo



estreitamento do leque de deixas simbólicas, afirma Thompson (1998, p. 78 e 79). Segundo o autor, “os três tipos acima não esgotam os possíveis cenários de interação. Outras formas de interação podem ser criadas, por exemplo, pelo desenvolvimento de novas tecnologias da comunicação que permitem um maior grau de receptividade” (THOMPSON, 1998, p. 81). Essas “outras formas” serão constatadas nesse estudo e desencadeiam um elo de interações, tendo por base as novas tecnologias, como será relatado mais adiante. Já a interação mediada por computador, tanto mútua como reativa, tem por base Primo (2008). As interações reativas dependem da previsibilidade e da automatização nas trocas. Se algo foge do estipulado, pode ser recusado no processo e até mesmo terminar com a situação interativa. Já as mútuas se desenvolvem em virtude da negociação relacional durante o processo.

A mobilidade começa a provocar novas práticas sociais, que são visualizadas na busca de informações nos cafés com wi-fi. A prática junta-se à teoria com Pellanda (2006), quando trata sobre as novas formas de interações potencializadas pela mobilidade da informação. Redes sem fio *wi-fi* fazem com que a Internet ganhe movimento e maior possibilidade de imersão no ciberespaço. Segundo o autor, “a Internet começa a mostrar que o acesso em movimento pode significar alterações profundas em suas linguagens de comunicação” (PELLANDA, 2008, p.2).

Castells (2003) diz que a série de situações sociais está sendo ampliada pelas chances de interconexão personalizada, diante do projetado desenvolvimento da Internet sem fio. A foto que segue comprova o que dizem os autores. Em um café com wi-fi, no shopping de Novo Hamburgo, jovens levam o notebook e ficam conectados. Há bate-papo, amizade ou namoro, *online* e *offline*. Na mesma mesa também podem ser vistos amigos em interações quase mediadas, com livros. O estar conectado em um espaço wi-fi é para o jovem uma espécie de “status”, que atrai e ajuda na paquera, por exemplo, ou na busca de outras companhias.



Figura 10



## **Espaços de elo entre o *online* e *offline***

A Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação no Brasil identifica os centros públicos de acesso pago como o principal local de uso da Internet no País. No Brasil, em 2008, com 48% das menções, os centros públicos de acesso pago ficam à frente dos domicílios, que foram citados por 42% dos respondentes. O estudo é realizado pela Nic.br ([www.nic.br](http://www.nic.br)), que é uma entidade civil, sem fins lucrativos, criada para implementar as decisões e projetos do Comitê Gestor da Internet no Brasil - CGI.br ([www.cgi.br](http://www.cgi.br)), que é responsável por coordenar e integrar as iniciativas de serviços da Internet no País. Esse perfil brasileiro também é encontrado nos espaços de Novo Hamburgo. Foram observados muitos casos de pessoas sem computadores e outras com computadores, mas sem Internet, com idades e motivações variadas para estarem naquele determinado ambiente do cenário urbano.

A pesquisa que dá base para esse artigo nasce de forma embrionária em uma especialização em História e Comunicação, na Feevale, concluída em 2007. É ampliada e modificada no mestrado em Ciências da Comunicação, na Unisinos, que está sendo concluído em maio de 2010. Cinco espaços são, inicialmente, investigados: Café Paris, Cibercafé e *Lan House* Eh Fróids, Café Mule & Bule, Espaço 10 *Lan House* e Videolocadora, que depois passa a chamar-se Espaço 10 *Lan House* e Café, e a Real Videolocadora e *Lan House*. No entanto, o Café Paris fechou em dezembro de 2008. A decisão foi manter o que até aquele momento havia sido registrado. Em janeiro de 2009, outro espaço começou a ser pesquisado. O Manéh Café. O local já estava sendo observado, informalmente, desde julho de 2008 quando foi inaugurado. Foi realizado um mapeamento do local delimitado, chamado de zona central hamburguense. Não é apenas o Centro da cidade, mas agrega também bairros vizinhos, que mantêm uma intersecção.

A magia dos antigos cafés, o lugar de encontros, de sociabilidade, dá lugar aos cibercafés, que é a atualização ou conceito moderno de cafés. São espaços virtuais, interconectados, que geram novas formas de consumo, produção, serviços qualificados e de relações sociais, diz Lemos (2003). Em uma relação histórica entre o cibercafé e a cidade hamburguense encontra-se novidades. O primeiro cibercafé surge em Londres em 1994 e já em 1996 são inaugurados dois espaços para acesso à rede mundial de computadores em Novo Hamburgo, considerados os primeiros do Estado.





As pessoas aproveitam o espaço onde podem se encontrar, comer e beber alguma coisa para também estarem conectadas. O *online* e o *offline* dividem este espaço físico. Lévy (2001) diz que “é raro que a comunicação por meio de redes de computadores substitua pura e simplesmente os encontros físicos: na maior parte do tempo, é um complemento ou um adicional” (LÉVY, 2001, p.128).

Nos ambientes de acesso pago à Internet, na zona central hamburguesa, os sites de relacionamentos são responsáveis por grande parte da motivação da conexão. Da mesma forma que neste cotidiano encontra-se o *online*, o *offline* não perde o sentido, muito menos deixa de existir. Recebe componentes facilitadores para a aproximação. Em alguns cafés/cibercafés nota-se que as pessoas que estão ali no espaço físico, arquitetaram o encontro quando conversavam *online*. O interessante é que esse encontro foi programado para um determinado local onde há a possibilidade de também ficarem conectadas. Nota-se claramente um comportamento social associado à Internet. Na mesma rota da constatação dessa pesquisa está Fragoso (2008), quando lança um olhar sobre as relações entre território e identidade a partir do Orkut. A autora constata que “a motivação mais evidente das referências territoriais nos sistemas e ambientes de interação *online* é de ordem absolutamente prática: pergunta-se ‘de onde vc’ com a intenção de estabelecer laços sociais possíveis de estender à vida *offline*” (FRAGOSO, 2008, p.113). Esses laços só se tornam possíveis com a aproximação geográfica, com interesses comuns. O que é percebido nos ambientes delimitados neste estudo.

Todos os espaços públicos de acesso pago à Internet que foram pesquisados abrigam públicos variados. Diferentes motivações de acesso, classes sociais, perfis e idades. Foram observadas crianças de 6, 7 anos a usuários com mais de 70 anos. No mesmo espaço estavam, por exemplo, um homem com 72 anos e um garoto de 12. Cada um com interesses diferentes para o acesso, mas dividindo o mesmo desejo de estar conectado. Atores e conexões. O conjunto desses dois elementos define o que é uma rede social. Que seriam os atores? São os nós da rede, pessoas, instituições ou grupos. E as conexões? São as interações ou laços sociais. Há necessidade de que sejam lembradas as redes sociais na Internet e as diversas mudanças que trouxe à sociedade. Entre essas está a possibilidade de expressão e sociabilização através das ferramentas de comunicação mediada por computador (CMC), conforme base teórica focada em Recuero (2009). Diferenças marcantes de expressão e sociabilização *offline* e *online*.

A busca de conexão não é algo expressamente solitário, dentro de casa. Os espaços públicos que proporcionam essas interações, dentro e fora da rede, em Novo Hamburgo,



estão sendo construídos diariamente pelos atores sociais. Dentro dessa variação de público, encontra-se também uma segmentação, dependendo do local e horário. Em algumas situações havia uma presença mais acentuada de grupos de jovens. No entanto, aquela ideia de uma *lan house* extremamente juvenil, por exemplo, com adolescentes motivados apenas por jogos, não é a realidade absoluta. Há também pessoas trabalhando, procurando emprego, mandando currículos, estudando, pesquisando, buscando bate-papo, amizade, namoro, entretenimento, pornografia. Quase sempre na busca do outro na rede. Os sites de relacionamentos já fazem parte do cotidiano das pessoas de diferentes idades. Uma nova forma de estar junto, de procura e de preservação de relações, fortes ou fracas, com ou sem reciprocidade, mas em busca de uma “tribo”.

Várias são as interações percebidas. Pelo espaço, nesse artigo não serão relatadas todas, mas algumas que representam o perfil da maioria. Um dos casos ficou decidido chamar de interações sexualmente mediadas. Os pontos pesquisados mostraram, desde o início da busca no campo, acessos a sites pornográficos. Situações pela manhã, tarde e noite. Houve casos de homens vendo filmes pornográficos ao lado de crianças, que estavam nos games, ou em sites de relacionamentos. Essa “miscigenação” *online* e *offline* merece, no mínimo, uma reflexão. Todos que cruzam os ambientes de acesso pago estão revelando algo representativo de suas intimidades, personalidades, anseios. Tanto no namoro, na amizade, nos games, falando com familiares distantes, trabalhando, estudando, buscando entretenimento. A Internet possibilita que os laços sejam mantidos à distância.

Mesmo não tendo computador em casa, muitos mantêm uma assiduidade média semanal de atualizações no Orkut e outros sites de relacionamentos, chegando a duas vezes por semana, em algumas situações. Isto mostra também o quanto a *lan house* é visitada. O assunto predominante nos recados é a amizade, mensagens e diálogos, como: “você será minha amiga pra sempre”. Vários amigos são conhecidos e há interações com colegas de aula, de trabalho, de balada ou apenas virtuais. Sempre com interesses em comum, o que os coloca na mesma rede social.

Em uma das entrevistas no Manéh, por exemplo, uma garota de 17 anos, que não tinha computador em casa, disse ser bastante tímida e que o Orkut havia ajudado a ter amigos. Aqui entra a pesquisa *online* (sem que o entrevistado saiba) e *offline*, de que trata o método multietnográfico. No ciberespaço havia recados para encontros *offline*, tanto para lazer como para estudo. Alguns diálogos com amigos virtuais não mostravam

a menina tímida *offline*. A representação *online* revelava uma garota aparentemente extrovertida. A foto do perfil dela no Orkut também não mostrava timidez. Um plano quase de corpo inteiro, com movimento. Parecendo bastante ágil. Representações possibilitadas pela conexão. O cenário de fundo da fotografia, uma parede de tijolos sem reboco de cimento, mostrava a naturalidade e identidade com o meio onde vive.

Na narrativa fotográfica que segue é possível visualizar as interações de dois irmãos que não possuem computador em casa e visitam sistematicamente, aos sábados à tarde, a *lan house*, como se visitassem um amigo ou um parente. Eles mantêm atualizados os sites de relacionamentos. É preciso fazer uma reflexão: até que ponto o acesso pago não é também uma forma de inclusão digital?



Figura 11



Figura 12



Figura 13



Figura 14



Figura 15



Figura 16

Aqui também é necessário aproximar a prática constatada no campo e a teoria que revela Santaella (2007). “As práticas de acesso estão também construindo um novo espaço de misturas inextricáveis entre o virtual (o ciberespaço) e os ambientes físicos em que nosso corpo biológico circula” (SANTAELLA, 2007, p. 218).

As localizações dos espaços de conexão em Novo Hamburgo traçam o perfil de parte do público. A Real está localizada no calçadão da cidade, onde não passam veículos e transitam centenas de pessoas em um vaivém de micromotivos. O freqüentador é mais casual. Aquele que precisa imprimir um boleto, mandar um e-mail. O Espaço 10, por estar localizado em uma galeria comercial e próximo a uma rua onde há muitas lojas de calçados, recebe frequentemente comerciários. Todos os dias, nos horários de intervalo para lanches, ou na hora do almoço, eles comparecem na *lan*.



Quase sempre em grupo. Muitas vezes, dois, três ou mais partilhando a mesma máquina. Em alguns casos acessos particulares. A sociabilidade e a socialidade aparecem novamente no ambiente, onde os usuários dividem simultaneamente o bate-papo *online* e *offline*. Também laços fortes e fracos.

Perto do Manéh tem danceterias e o espaço conquistou as turmas de amigos, antes e depois das baladas. É o único, dos espaços pesquisados, que abre na madrugada. Surpresa também para o proprietário. Tem vários outros bares que vendem as mesmas coisas, mas o acesso à Internet é o grande diferencial, que, segundo ele, mudou o comportamento social dos clientes. A maioria é composta por jovens (entre 18 e 30 anos). Chegam para beber uma cerveja, bebidas destiladas ou refrigerantes. Alguns fazem lanche. Geralmente marcam encontro no local, para depois seguirem para danceterias. As conversas *online* e *offline* acontecem simultaneamente. Sem nenhum tipo de problema. Quase sempre têm dois ou três compartilhando a mesma máquina. Um sentado, dois atrás, de pé, bebendo ou comendo. *Games*, MSN, Orkut, Youtube, *e-mails*. Muitos chegam e mandam mensagens pra outros amigos, convidando pra festa, cobrando o atraso, brincando, conversando. Uma descontração normal como em qualquer barzinho, mas com o diferencial da desterritorialização proporcionada pelo ciberespaço.

Após a saída da balada, alguns retornam ao Manéh. De novo, lanches rápidos, mais bebida, e o acesso variado. Muitos levam máquinas digitais para as baladas. Esse equipamento já faz parte “da indumentária”. Na volta, aproveitam para descarregar as máquinas no Manéh, porque é mais rápido que em casa. Aglomeram-se para postar as fotos no Orkut e também para entrar no *site* da balada e ver suas fotos. Recados pro “ficante” da noite. Antes de chegar à residência, já vai estar lá uma mensagem para ele. Aproveitam para em grupo pesquisar nos *sites* de relacionamentos detalhes da vida dos recém-conhecidos na balada. Há casais que se formaram naquela noite e passam no local e aproveitam o espaço. Uma espécie de apresentação, como se fosse a própria casa, só que virtual. Novidades de *sites* e outros detalhes da rede são comentados. São novas sociabilidades contemporâneas.

Saudades de amigos e familiares, encontros de amizade e namoros, entre outras relações, colocam nos espaços públicos de acesso pago e na Internet muitos exemplos de laços fortes e fracos. Os conteúdos e mensagens mostraram uma conexão entre os envolvidos como afirma Recuero (2009). Ao mesmo tempo exemplos de amizades e namoros *offline* dentro dos ambientes pesquisados também podem ser considerados



como laços fortes, quando esses atores mantinham vínculos de encontros marcados e seguidos, tanto na *lan house* como na Internet. Havia grupos de colegas de trabalho que freqüentavam todos os dias o Espaço 10, na hora do almoço e do lanche. Interações *online* e *offline* simultâneas. Laços multiplexos, conforme Recuero (2009). Os assuntos comuns do cotidiano do grupo, alguns bem íntimos, passavam do plano físico ao virtual ou vice-versa durante os encontros.

### **Considerações finais**

Interações e novas práticas sociais foram possíveis de serem observadas nos espaços públicos de acesso pago à Internet na zona central de Novo Hamburgo. Foi constatado também o que aqui ficou definido chamar de elo de interações. O que seria isso? Diferentes tipos de interações acontecendo ao mesmo tempo. Interação face a face e interação mediada por computador, mútua e às vezes também reativa, simultaneamente. Ao elo ainda pode ser acrescentada a interação quase mediada. Os interagentes (que vamos chamar de A, B, C, D) exemplificam o exposto acima da seguinte forma: A está na frente da máquina onde acontece uma interação mediada por computador. Chegam B e C e ficam atrás da cadeira de A, em pé. Os três começam a conversar. Acontece a interação face a face. Bate-papo, risos. C aponta pra tela do computador. Interagem sobre o que estão lendo. B tecla alguma coisa para mostrar outro link. Também há troca de papéis dos atores sociais durante as interações. B passa a mediar diretamente com o computador por alguns instantes. Continuam conversando. Um elo entre a interação mediada por computador e a face a face. Pode-se dizer ainda que A e C estão também, de uma forma indireta, participando da interação mediada por computador.

Mas é preciso frisar que cada uma das interações não perde sua característica específica. Não se “diluem”. Mas há uma intersecção. Ainda é possível notar características da interação mútua, pois os interagentes estavam debatendo e tendo convicções diferentes, tanto com o que acontecia *online* e *offline*, sem que isto impedisse a interação. Em outra oportunidade acontece um caso semelhante. Só que um dos interagentes estava com uma revista aberta na mão. Conversava um pouco com os outros dois (um sentado na máquina, outro ao lado) e por alguns instantes continuava lendo. Em outro momento, um deles ainda falava ao celular. Um elo entre a interação face a face, a mediada por computador e a quase mediada. Essa última conforme



definição de Thompson (1998), já descrita anteriormente. Thompson admite a possibilidade de mistura de diferentes formas de interações no fluxo da vida diária. Da mesma forma, Primo (2008) lembra que os dois tipos interativos, mútua e reativa, não se estabelecem de forma exclusiva, quando esclarece a interação mediada por computador.



Figura 17



Figura 18



Figura 19



Figura 20



Figura 21



Figura 22

A proposta deste artigo foi observar, relatar e discutir diferentes particularidades nos espaços públicos de acesso pago à Internet, *online* e *offline*. No cenário urbano da zona central hamburguesa, reconfigurada por computadores, pode-se notar novas práticas sociais e interações como consequência do acesso à Internet, como foi relatado e fotografado. Foram apontados alguns caminhos, algumas surpresas. Mesmo assim ainda há problematizações despertadas que podem ser alvo de outras reflexões.



## Referências bibliográficas

- ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia: um estudo de Antropologia Visual sobre o cotidiano, lixo e trabalho.** ed. Porto Alegre: Palmarinca, 1997
- CAIAFA, Janice. **Aventura das Cidades. Ensaios e etnografias.** ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. 184p.
- CARDOSO, Gustavo. **Para uma sociologia do ciberespaço: comunidades virtuais em português.** ed. Oeiras, Portugal: Celta Editora, 1998. 150p.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.** ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 243p.
- FRAGOSO, Suely. **Conectibilidade e Geografia em Sites de Rede Social: um olhar sobre as relações entre território e identidade a partir do Orkut.** Revista Galáxia, v. 16, p. 109-122, 2008. Manuscrito cedido pela autora.
- LEMONS, André. Ciberultura. Alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMOS, André, CUNHA, Paulo (orgs). **Olhares sobre a cibercultura.** ed. Porto Alegre: Sulina, 2003. 231p.
- \_\_\_\_\_. **Cidade e Mobilidade. Telefones Celulares, Funções Pós-Massivas e Territórios Informativos.** *MATRIZES.* Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, 2007.
- LÉVY, Pierre. O que é o virtual? São Paulo: Editora 34, 2001. 157p.
- MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998. 209p.
- PELLANDA, Eduardo Campos. **Comunicação móvel: das potencialidades aos usos e aplicações.** Trabalho apresentado no NP Tecnologias da Informação e da Comunicação do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2008.
- PRIMO, Alex. **Interação Mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição.** 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2008. 240p.
- RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet.** ed. Porto Alegre: Sulina, 2009. 191 p.
- SÁ, S. P. Netnografias nas redes digitais. In: PRADO, J.L. **Crítica das práticas midiáticas.** São Paulo: Hacker editores, 2002.
- SANTAELLA, Lúcia. Linguagens líquidas na era da mobilidade. ed. São Paulo: Paulus, 2007, 443p.
- THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- TRAVANCAS, Isabel. **Fazendo etnografia no mundo da comunicação.** In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 380p.

